

Morretes

CASA DE ROCHA POMBO

Os primitivos moradores da localidade onde hoje se situa a cidade de Morretes, no sopé da Serra do Mar, foram aventureiros e mineradores que procediam de vilas e póvoas paulistas, chegados antes de 1646. Na região, entre 1648 e 1653, foram descobertas jazidas de ouro, localizadas, sobretudo, nos rios do Pinto, Marumbi e Cubatão. Em 1721, o ouvidor Rafael Pires Pardini, através de provimento, determinou que a Câmara Municipal de Paranaguá demarcasse 300 braças em quadra para servir de local à sede da futura povoação de Morretes, o que só ocorreu em 1733, através de outra provisão, esta do ouvidor Antônio Alves Lanhas Peixoto. Procedeu-se à demarcação das terras no porto, o qual passou a sediar o povoado que se desenvolveu com extrema lentidão. Só em 1º de março de 1841, pela Lei Provincial de São Paulo nº 16 foi criada a Vila de Nossa Senhora do Porto de Morretes, desmembrando-se o município do de Antonina. Nhundiaquara, por algum tempo - a nova denominação, por força da Lei Provincial nº 188, de 24 de março de 1869 -, Morretes voltou a assim chamar-se em definitivo a partir de 7 de abril de 1870, consoante a Lei Provincial nº 227.

O progresso de Morretes no século XIX foi devido, exclusivamente, à sua posição entre o litoral e o planalto. Segundo Romário Martins, plantada na raiz da serra, Morretes situava-se na via fluvial do Cubatão, no roteiro seguido pelas embarcações que do Porto do Rocio de Paranaguá demandavam o Porto de Cima, onde a navegação era interrompida. De Paranaguá, os barcos subiam até Barreiros e daí, via rio Nhundiaquara - também chamado de Cubatão -, passando por Morretes, atingiam o Porto de Cima. Assim, todo o comércio entre o planalto e o litoral por ela transitava, o que a transformou em importante entreposto. No período compreendido entre 1811 e 1832, essa atividade sobrepujou todas as demais, favorecida pela instalação de vários engenhos de beneficiamento da erva-mate. Entretanto, com a construção da Estrada de Ferro do Paraná, Morretes veio a decair, cessando, inclusive, o movimento dos engenhos de mate. Durante anos a fio muitas de suas atividades comerciais e industriais viveram em plena recessão.

Inexistem elementos precisos a respeito do ano em que a casa de Rocha Pombo foi construída e por quem. Conforme documentação da época, quando o Paraná preparava-se para as comemorações do centenário de nascimento de um de seus mais ilustres filhos, o historiador, jornalista, escritor e professor José Francisco da Rocha Pombo, foi criada Comissão Estadual que, entre outras sugestões, propôs que, em Morretes, sua terra natal, fosse erguido um monumento em sua homenagem, além de para lá serem trasladados seus restos mortais. Propôs-se, igualmente, que a casa em que nascera e residira fosse restaurada, e nela instalada uma biblioteca pública, tornando-se, assim, um monumento à sua memória.

Rocha Pombo (Morretes, PR, 1857 - Rio de Janeiro, RJ, 1933), aos 18 anos de idade, já trabalhava no magistério, lecionando em escola sediada no distrito de Anháia. Colaborou



LOCALIZAÇÃO: LARGO DR. JOSÉ PEREIRA, 43.

DATA DA CONSTRUÇÃO: SÉCULO XIX.

PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 41/73. INSCRIÇÃO Nº 40. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 19/07/1973.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

MOURA, J. ESTRELA. DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO DO PARANÁ, IMPRENSA OFICIAL, CURITIBA, 1960.

ROCHA POMBO, J. F. DE. HISTÓRIA DO PARANÁ, SÃO PAULO, 1929.

MARTINS, A. ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1959.



na imprensa de Curitiba e em 1879, através de *O Povo*, iniciou a propaganda republicana. Em 1881, em Curitiba, onde passara a residir desde o ano anterior, publicou seu primeiro livro, *A Honra do Barão*. Escreveu poemas, contos e romances e deu partida à sua grande obra histórica, que lhe consumiu anos e anos de pesquisa em arquivos e documentos nacionais, pois sua pobreza o impedia de viajar ao exterior. Durante o Império e na República, exerceu, no Paraná, mandatos de Deputado.

Em 1892, na capital do estado, num descampado que ficava a meio caminho da Água Verde (atual Praça Ouvidor Pardinho), colocou a pedra fundamental do prédio que, pretendia, seria a primeira universidade do Paraná, a qual, sem amparo, tanto do governo do estado quanto da União, só em 1912 viria a ser efetivada.

Em Curitiba, ao lado de Júlio Pernetá, Euclides Bandeira, Silveira Netto, Ricardo de Lemos e Dario Veloso (o grupo inicial), fez poesia simbolista, influenciado pelas obras que João Itiberê da Cunha trouxera da Europa. Em 1897 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde se dedicou ao jornalismo e ao magistério, na então Escola Normal do Distrito Federal (atual Instituto de Educação do Rio de Janeiro). Autor, entre outras, de *História do Brasil*, em 10 volumes (1915 a 1917), *Compêndio de História da América* (1900 a 1925), *História da América* (1903), *Paraná-Santa Catarina* (1905), *Nossa Pátria* (1917, que teve mais de 80 edições), *História do Brasil para o curso secundário* (1919, com mais de 20 edições), *História de São Paulo* (1919), *História do Paraná* (1929), *História do Rio Grande do Norte* (1922), *História Universal* (1928), Membro da Academia Paranaense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras mas faleceu antes de tomar posse.

A casa natal de Rocha Pombo é moradia simples, de um pavimento construída em alvenaria mista (pedra e tijolos) em meio a área ajardinada cercada por muro com gradil de ferro, com duas frentes, uma para o largo e outra para o Rio Nhundiaquara. Aberturas encimadas por vergas em arco de semicírculo, bandeiras fixas, janelas sistema de guilhotina, divididas em quadrículos. Cobertura em telhado de quatro águas, telha capa-e-canal, arrematada por beiral em cimalha. Restaurada pelo governo do estado do Paraná e pela prefeitura de Morretes, a casa foi adaptada para os serviços da Biblioteca municipal local. ✿





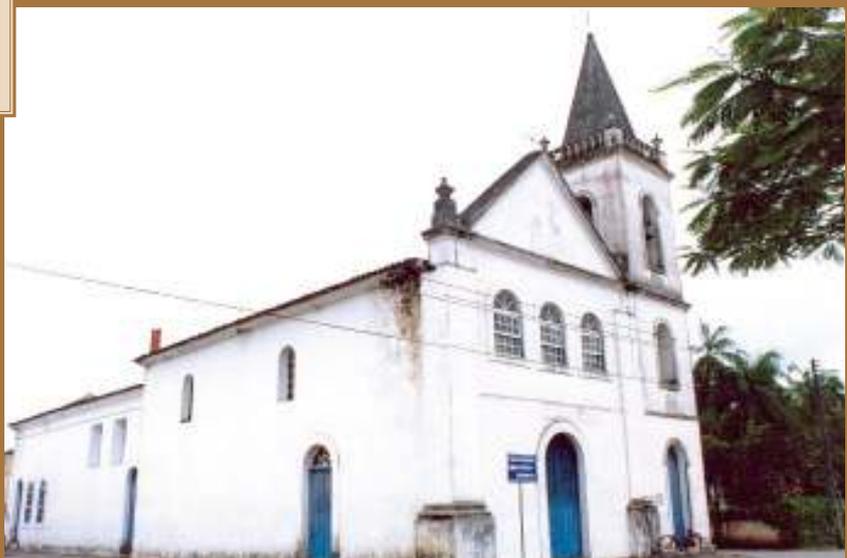
IGREJA DE SÃO BENEDITO



LOCALIZAÇÃO: LARGO MARECHAL FLORIANO.
DATA DA CONSTRUÇÃO: SÉCULO XIX.
PROPRIETÁRIO: MITRA DIOCESANA DE PARANAGUÁ.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 85/84, INSCRIÇÃO Nº 86,
LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 12/07/1985.
BIBLIOGRAFIA: POLINARI, MARCELLO. IGREJA DE SÃO BENEDITO, MORRETES. BOLETIM DE BENS TOMBADOS, ESTADO DO PARANÁ, CURITIBA, 1991.

Em 1760 foi fundada em Morretes a Irmandade de São Benedito reunindo, conforme rezam seus estatutos, “pretos, escravos e administradores e pessoas livres que por suas devoções quiserem pertencer a ella sem distinção de sexo ou idade, com tanto que professem a religião Catholica Romana, tendo por fim festejar anualmente ao Glorioso S. Benedito no dia 25 de Dezembro”. Embora tenha sido perdida quase toda a documentação da irmandade, em uma enchente na década de 60 do século passado, os livros que sobreviveram permitem levantar sua história a partir do ano de 1860. Entre 1865 e 1895 são construídos a capela e o cemitério, com grande dificuldade por corresponder, na região, a um período de decadência econômica.

Compõe-se sua arquitetura do esquema edificado mais simples da tradição religiosa: nave, torre-sineira e capela-mor. Na fachada principal, ao nível do térreo, abrem-se a porta de entrada ao centro da nave e o acesso à torre, ambos arrematados por arcos de pleno círculo. Sobrepõem-se à portada da nave, ao nível do coro, três janelas; e à porta da torre, uma janela, todos de arco pleno. Coroa a nave um frontão triangular, ladeado pelas sineiras da torre, que é arrematada por um zimbório piramidal. A capela-mor, como de costume, mais baixa que a nave, possui uma fachada de fundos inusitadamente elaborada, apresentando um conjunto de três vãos de janelas de arco pleno - coroado por frontão triangular. A construção é de alvenaria mista, pedra e tijolo, com cobertura em duas águas com telhas capa e canal. Os beirais diferentes da nave, em beira-seveira e da capela-mor em cimalha de massa além do tratamento cuidadoso dos fundos - como se tivesse sido fachada - permitem supor grande diferença de época entre a construção dessas duas partes da igreja. Internamente o maior interesse está no altar-mor, com um grupo de imagens de diferentes épocas, sobressaindo-se entre todas a do padroeiro, o “glorioso Sao Benedicto”. ✿





IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO DE PORTO DE CIMA

A Igreja de São Sebastião ergue-se em frente à praça principal de Porto de Cima, localidade às margens do Rio Nhundiaquara, a seis quilômetros da sede do município de Morretes. A história de Porto de Cima remonta ao início do século XVIII, com a garimpagem de ouro nos aluviões do Nhundiaquara. Na segunda metade desse século, Porto de Cima ganhou maior expressão devido ao papel desempenhado pelo rio no transporte entre o litoral e o planalto. Em 1779, a fim de dar atendimento religioso à população local, o tenente-coronel D. Afonso Botelho de Sampaio e Souza e o capitão Antonio Rodrigues de Carvalho iniciaram a construção de uma capela sob a invocação de N. Sra. da Guia e de São Sebastião.

Na primeira metade do século XIX, a região, devido às facilidades de transporte e de força motriz oferecida pelo rio passou a abrigar engenhos hidráulicos de beneficiamento de erva-mate - produto que assumira grande importância no mercado internacional, devido a problemas de ordem política na região platina. Com o crescimento populacional da localidade fez-se necessário ampliar a capela, recebendo seus zeladores, na década de 1840, autorização para as devidas obras. A transferência dos engenhos ervateiros para o planalto e a construção da ferrovia ligando-o ao litoral vão esvaziar economicamente Porto de Cima, iniciando-se sua decadência, afetando, inclusive, a reforma da capela, cujas obras se arrastaram por quase meio século.

A igreja de Porto de Cima revela externamente as duas etapas de sua história, pois na ampliação feita no século XIX a antiga capela passou a ser a capela-mor da igreja.

Como a primeira igreja era aberta para o lado oposto, sua fachada, de principal passou a fundos, fazendo com que a igreja ficasse dotada de dois frontispícios - o antigo e o novo, solução que motivou em 1874 uma solicitação da comissão encarregada das obras, ao presidente da província, no sentido de ser autorizada a demolição do corpo da igreja pela falta de proporção e simetria do conjunto, obra que não chegou a ser executada.

As duas fachadas são hoje um testemunho da história local. A original correspondendo à fase áurea de Porto de Cima, é mais rica: o partido tradicional, de frontão triangular, é ornamentado por um par de volutas, de desenho típico do século XVIII, sobrepostas ao seu ápice. Pináculos balizam os três pontos do ático e um cordão denticulado borda os lados. O retângulo dessa fachada é emoldurado por cunhais de seção semicircular. A porta de entrada foi entaipada, havendo hoje um único vão nessa fachada - uma janela retangular. Lateralmente, foi construída a sacristia, com o comprimento da antiga capela. Seus vãos de janelas, em arco pleno, datam da segunda metade do século XIX. A fachada atual, extremamente simples, compõe-se





de um retângulo, vazado por uma porta de verga reta e um par de janelas de arco pleno, coroado por um frontão triangular. Os únicos adornos são os pináculos laterais, de desenho e feitura rudimentares. Ladeia o frontispício uma pequena torre de vãos em plena volta e zimbório piramidal, que pela desarmonia que apresenta em relação à nova fachada deve ter sido erguida em época mais recente.

Internamente, não há elementos artísticos valiosos, tendo sido o edifício vítima de muitas reformas desfigurantes, cujas conseqüências foram, em parte, atenuadas por trabalhos de restauração realizados após seu tombamento. ✿



LOCALIZAÇÃO: PORTO DE CIMA.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1779.

PROPRIETÁRIO: MITRA DIOCESANA DE PARANAGUÁ

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 222-03/63. **INSCRIÇÃO:** Nº 03,

LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 14/03/1963.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVO DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO

HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO PARANÁ, "HISTÓRICO DA CAPELA

DE N. SRA. DA GUIA E DE SÃO SEBASTIÃO DO PORTO DE

CIMA", TEXTO DATILOGRAFADO.

SANTOS, ANTONIO VIEIRA. MEMÓRIA HISTÓRICA,

CRONOLÓGICA, TOPOGRÁFICA E DESCRITIVA DA VILA DE

MORRETES E DO PORTO REAL. 1851, CURITIBA, MUSEU

PARANAENSE, 1950, 2.



RESIDÊNCIA EM PORTO DE CIMA

É uma casa de uso misto, em que o espaço da esquina é aproveitado para o comércio, com abertura de portas para as duas ruas. O sótão habitável e o contorno curvo de concordância com o térreo denunciam influência da imigração européia não portuguesa.

A técnica empregada é a alvenaria de tijolos com cobertura em telhas cerâmicas. Os vãos de portas e janelas, fechados por esquadrias de madeira arrematadas por bandeiras envidraçadas, são encimados por arcos abatidos. ✿

LOCALIZAÇÃO: RUA MARUMBI, ESQUINA DA RUA GRACIOSA, PORTO DE CIMA.

DATA DA CONSTRUÇÃO: INÍCIO DO SÉCULO XX.

PROPRIETÁRIO: PARTICULAR.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 07/90, INSCRIÇÃO Nº 103. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 30/07/1990.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

